

## PRÓLOGO

Nunca a conheci em vida. Ela existe para mim através dos outros, nos sentidos em que a morte dela os impeliu. Recuando no tempo, procurando unicamente factos, reconstruí-a como uma rapariguita triste e uma prostituta, quando muito, alguém com hipóteses de ser gente — uma designação que se me poderia igualmente aplicar. Quem me dera ter-lhe atribuído um fim anónimo, relegando-a para umas quantas palavras concisas no relatório sumário de um detective de homicídios, uma cópia a químico para o magistrado municipal, mais papelada para a sepultar no cemitério dos indigentes. O único óbice a este desejo é que ela não queria que tivesse sido assim. Por mais brutais que fossem os factos, ela teria querido que fossem divulgados na totalidade. E como tenho uma enorme dívida para com ela e sou o único que conhece toda a história, decidi proceder à narrativa desta biografia.

Mas antes da Dália houve a parceria, e antes dela houve a guerra e os regulamentos militares e as manobras na Divisão Central, para nos recordar que os polícias também são soldados, apesar de sermos bem menos populares do que aqueles que combatiam os Alemães e os Japoneses. Todos os dias, depois do serviço, os polícias das patrulhas eram submetidos à participação em exercícios de ataque aéreo, exercícios de ocultamento e exercícios de evacuação em caso de incêndio que nos deixavam em sentido em Los Angeles Street, à espera de que o ataque de um *Messerschmitt*<sup>1</sup> nos fizesse sentir menos palermas. As chamadas para as patrulhas de dia caracterizavam-se por formações por ordem alfabética, e pouco depois de terminar o curso na Academia em Agosto de 1942, foi lá que conheci Lee.

---

<sup>1</sup> Avião de caça concebido por William Messerschmitt (1898-1978). O mais famoso foi o *ME 262*, o primeiro caça a reacção em todo o mundo. (NT)

A sua fama já me chegara aos ouvidos, e tínhamos os respectivos registros patenteados: Lee Blanchard, 43-4-2 como peso-pesado, anterior atracção regular do Hollywood Legion Stadium; e eu: Bucky Bleichert, peso meio-pesado, 36-0-0, outrora classificado em décimo lugar pela revista *Ring*, provavelmente porque Nat Fleisher se divertia com a forma como eu provocava os adversários com os meus grandes dentes salientes. Porém, as estatísticas não diziam tudo. Blanchard arreava forte, dando seis para levar um, um clássico caçador de cabeças; eu dançava e contra-atacava e desferia ganchos sobre o fígado, mantendo sempre a minha guarda levantada, para não apanhar demasiados socos na cabeça e piorar o meu aspecto; é que para isso já bastavam os meus dentes. No estilo, Lee e eu éramos como o azeite e a água, e de cada vez que os nossos ombros roçavam na chamada, eu perguntava-me: quem iria vencer?

Durante quase um ano avaliámo-nos mutuamente. Nunca falávamos de boxe ou do trabalho na polícia, limitando a nossa conversa a algumas palavras sobre o tempo. Fisicamente, éramos dois homens perfeitamente antitéticos: Blanchard era louro e corado, com um metro e oitenta de altura e grande envergadura no peito e nos ombros, as pernas arqueadas e enfezadas e os primórdios de uma barriga dura e distendida; eu era pálido e de cabelo escuro, todo musculosidade esgalgada no meu metro e oitenta e oito. Quem iria vencer?

Acabei por desistir de tentar adivinhar um vencedor. Mas outros polícias haviam retomado a questão, e durante aquele primeiro ano na Central, ouvi dúzias de opiniões: Blanchard por *K.O.* prematuro; Bleichert por pontos; Blanchard por inferioridade técnica — tudo menos Bleichert por *knockout*.

Quanto não me viam, escutava cochichos sobre as nossas histórias fora do ringue: a vinda de Lee para o Departamento de Polícia de Los Angeles, a garantia de promoção rápida por combater o consumo de *marijuana* entre as altas esferas e os seus compinchas políticos, desvendar o assalto ao banco Boulevard-Citizens em 1939 e ter-se apaixonado por uma das amigas do assaltante, dando cabo de uma certa transferência para a Brigada de Detectives quando a moça viera morar com ele — em violação dos regulamentos do departamento sobre arranjinhos — e lhe suplicara que abandonasse o boxe. Os boatos sobre Blanchard atingiram-me como falsos golpes preparatórios, e perguntei-me até que ponto seriam verdade. Os bocados da minha própria história sabiam a socos no corpo, porque eram cem por cento verdadeiros: Dwight Bleichert entrara para o Departamento para fugir a acontecimentos de vulto mais complicados, fora ameaçado de expulsão da Academia quan-

do viera a lume que o pai era membro da Aliança Germano-Americana, pressionado a denunciar os japoneses com quem crescera à Brigada de Estrangeiros a fim de garantir a sua nomeação para o DPLA. Não lhe tinham pedido para combater os fumadores de *marijuana*, porque ele não era um pugilista de *knockouts*.

Blanchard e Bleichert: um herói e um bufo.

A lembrança de Sam Murakami e Hideo Ashida algemados a caminho de Manzanar tornava mais fácil uma simplificação de nós os dois — à partida. Depois entrámos em acção lado a lado, e as minhas impressões iniciais a respeito de Lee — e de mim próprio — desfizeram-se.

Estávamos nos princípios de Junho de 1943. Uma semana antes, os marinheiros tinham andado à pancada com mexicanos vestindo *zoot suits*<sup>2</sup> no Lick Pier em Venice. Segundo os boatos, um dos marujos perdera um olho. As escaramuças irromperam em terra: pessoal da marinha pertencente à base naval de Chavez Ravine contra *pachucos*<sup>3</sup> de Alpine e Palo Verde. Chegou aos jornais a notícia de que os *zooters* traziam imensas insígnias nazis juntamente com as suas navalhas de ponta e mola, e centenas de soldados, marinheiros e fuzileiros fardados tinham descido à baixa de LA, armados de varapaus e bastões de basebol. Supostamente, estaria a juntar-se um igual número de *pachucos* junto à fábrica de cerveja Brew 102 em Boyle Heights, munidos de armas idênticas. Todos os polícias de patrulha da Divisão Central tinham sido chamados ao serviço, sendo-lhes depois distribuídos um capacete de metal da Primeira Guerra Mundial e uma monumental moca conhecida como «derruba-escarumbas».

Ao lusco-fusco, conduziram-nos ao campo de batalha em veículos de transporte de pessoal cedidos pelo exército, com uma ordem: repor a ordem. Tinham-nos sido tirados os revólveres de serviço na esquadra: os chefões não queriam que os .38 fossem parar às mãos de bandidos mexicanos de fatiotas engomadas e penteado de poupa. Quando descí do veículo no cruzamento da Evergreen com a Wabash empunhando apenas um pau de um quilo e duzentos com um cabo prote-

---

<sup>2</sup> O termo designa um fato em voga nos princípios dos anos 40, caracterizado por calças compridas e justas com dobra e um casaco bastante comprido com grandes lapelas e ombros largos com volumosos chumaços. O autor vai usando também ao longo do texto o termo *zooters*, como forma abreviada de se referir às pessoas que usam este tipo de roupa. (NT)

<sup>3</sup> Adolescentes de origem mexicana pertencentes a um gangue de bairro e que usam roupas vistosas. (NT)

gido com fita isolante, estava dez vezes mais assustado do que alguma vez me sentira no ringue, e não era por causa do caos que vinha de todos os lados.

Estava aterrado porque os bons eram na realidade os maus.

Marinheiros partiam montras ao longo de Evergreen; fuzileiros vestidos de azul destruíam sistematicamente candeeiros públicos, mergulhando cada vez mais o mundo na escuridão a fim de poderem actuar. Esquecendo as rivalidades entre os ramos, os soldados e os fuzileiros viraram carros estacionados em frente de uma *bodega* enquanto os jovens marujos de camisolas interiores e calções brancos largos pelo joelho arreavam forte e feio num grupo muito grande de *zooters* no passeio ao lado. Na periferia da acção, encontravam-se colegas meus a confraternizar com rufiões da Guarda Costeira e da Polícia Militar.

Não sei quanto tempo ali estive, atónito, sem saber o que fazer. Finalmente olhei para a Wabash na direcção da Rua Um, vi casas pequenas, árvores e nenhuns *pachucos*, polícias ou soldados rasos sanguínários. Antes de me aperceber do que fazia, corri para lá a toda a velocidade. Teria continuado a correr até cair, mas uma gargalhada estridente vinda de uma entrada fez-me estacar.

Avancei na direcção do som. Uma voz esganiçada gritou:

— És o segundo jovem chui a pirar-se da confusão. Não te censuro. É difícil saber a quem colocar as algemas, não é?

Fiquei na entrada e olhei para o velho. Disse:

— Falam na rádio que os taxistas têm feito corridas até à USO<sup>4</sup> em Hollywood, depois trazem para aqui os marujos. A KFI chamou-lhe um ataque naval, tem estado a tocar o *Anchors Aweigh* de meia em meia hora. Vi uns fuzileiros descer a rua. Achas que se lhe poderá chamar um ataque anfíbio?

— O que é não sei, mas para lá é que eu não volto.

— Não és o único a fugir, sabes. Passou por aqui há pouco outro matulão a correr.

O velhote começava a parecer-se com uma versão manhosa do meu pai.

— Há uns *pachucos* que precisam de ser metidos na ordem.

— Julgas que é assim tão simples, moço?

— Farei com que seja.

O velho soltou uma gargalhada de satisfação. Afastei-me da entrada e voltei ao dever, batendo com a moca na minha perna. Os candeeiros

---

<sup>4</sup> Sigla correspondente a United Service Organizations, um conjunto de organizações criadas antes da Segunda Guerra Mundial com o intuito de dar apoio moral e proporcionar entretenimento às tropas americanas. (NT)

de rua estavam agora todos apagados; era quase impossível distinguir os *zooters* dos soldados rasos. Precisamente por o saber, encontrei uma saída fácil para o dilema, e preparei-me para atacar. Depois ouvi «Bleichert!» atrás de mim, e soube quem tinha sido o outro fugitivo.

Voltei para trás a correr. Lá estava Lee Blanchard, «A esperança branca mas nada famosa de Southland», enfrentando três fuzileiros vestidos de azul e um *pachuco* com um *zoot suit*. Encurralara-os no corredor central de um pátio imundo com bangalós e aguentava-os com paradas do seu «derruba-escarumbas». Os marujos desferiam golpes na direcção dele com os seus varapaus, falhando quando Blanchard se desviou para o lado e para trás e para a frente nas pontas dos pés. O *pachuco* levou a mão às medalhas religiosas penduradas ao pescoço, parecendo perplexo.

— Bleichert, código três!

Avancei devagar, brandindo a minha moça, batendo em botões de latão e fitas de campanha. Levei pancadas desastradas nos braços e nos ombros e avancei de modo a que os fuzileiros ficassem sem espaço de manobra. Foi o mesmo que entrar num corpo a corpo com um polvo e, sem árbitro nem campanha ao fim de três minutos, larguei instintivamente o meu bastão, baixei a cabeça e comecei a desferir socos no corpo, estabelecendo contacto com secções médias de tecido de gabardina. Depois ouvi:

— Bleichert, recuar!

Assim fiz, e lá estava Lee Blanchard, com o «derruba-escarumbas» erguido acima da cabeça. Os fuzileiros, confusos, estacaram; a moça desceu: uma, duas, três vezes, golpes certos nos ombros. Quando o trio ficou reduzido a um monte de tecido azul em fanicos, Blanchard disse:

— Tomem lá que é para aprenderem, seus borra-botas. — E, voltando-se para o *pachuco*: — *Hola*, Tomás.

Sacudi a cabeça e espreguicei-me. Doíam-me os braços e as pernas; os nós dos dedos da minha mão direita latejavam. Blanchard algemava o *zooter*, e só me ocorreu dizer:

— Mas o que veio a ser isto?

Blanchard sorriu.

— Peço desculpa pela minha falta de educação. Agente Bucky Bleichert, dá-me licença que lhe apresente o *señor* Tomás dos Santos, sobre quem foi emitido um mandado de captura por assassinio ocorrido durante a perpetração de um delito da Categoria B. Tomás roubou a mala a uma senhora na Rua 6 com a Alvarado, ela teve um ataque cardíaco e esticou o pernil, Tomás largou a mala e deu à sola. Deixou umas belas e gordas impressões digitais na mala, para além de testemunhas oculares. — Blanchard acotovelou o homem. — *Habla inglés*, Tomás? — Dos Santos abanou a cabeça, não; Blanchard abanou a cabeça, pesaroso.

— Ele está tramado. Homicídio em Segundo Grau dá pena de câmara de gás para hispânico. Aqui o artista está a seis semanas do Grande *Adiós*.

Ouvi disparos vindos da direcção da Evergreen com a Wabash. Erguendo-me nos bicos dos pés, vi chamas a saírem de uma série de janelas partidas, transformando-se em faíscas azuis e brancas quando atingiram os cabos dos carros eléctricos e das linhas telefónicas. Olhei para os fuzileiros, e um deles esticou-me o médio. Eu disse:

— Espero que aqueles tipos não tenham tirado o número do teu distintivo.

— Lixo-os bem lixados se o fizeram.

Apontei para um aglomerado de palmeiras transformado em bolas de fogo.

— Não poderemos registar a ocorrência esta noite. Vieste até aqui para os prender? Julgaste...

Blanchard silenciou-me com um golpe a fingir que parou mesmo em cima do meu distintivo.

— Vim até aqui porque sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para repor a ordem, e se ficasse lá podia ser morto. Parece-te familiar?

Ri-me.

— Sim. Depois tu...

— Depois eu vi os borra-botas a perseguirem o artista, que se parecia bastante com o sujeito do mandado de captura número quatrocentos e onze barra quarenta e três. Eles encurralaram-me aqui, e vi que tu voltavas com ar de quem queria levar uma coça e achei que a poderias levar com justa causa. Parece-te razoável?

— Resultou.

Dois dos fuzileiros tinham conseguido pôr-se em pé e ajudavam o outro a levantar-se. Quando começaram a dirigir-se para o passeio amparando-se, Tomás dos Santos aplicou um pontapé com força no maior dos três rabos. O soldado gordo a quem pertencia virou-se para o atacante; eu dei um passo em frente. Desistindo da sua campanha em LA Leste, os três avançaram a manquejar para a rua, sob os tiros e as palmeiras em chamas. Blanchard despenteou o cabelo de Dos Santos:

— És um homem morto, meu merdoso. Vamos, Bleichert, temos de arranjar um sítio onde pousar esta encomenda.

Encontrámos uma casa com uma pilha de jornais diários na entrada a alguns quarteirões dali e arrombámo-la. Havia duas garrafas de *Cutty Sark* no armário da cozinha, e Blanchard mudou as algemas de Dos

Santos dos pulsos para os tornozelos a fim de ele ficar com as mãos livres para beber. Enquanto preparei as sandes de fiambre e o uísque com soda, o *pachuco* emborcara meia garrafa e entoava *Cielito Lindo* e uma interpretação mexicana de *Chattanooga Choo Choo*. Uma hora depois a garrafa estava no fim e Tomás dormia. Icei-o para o sofá, cobri-o com uma manta, e Blanchard disse:

— Ele é o meu nono delito grave de 1943. Estará a engolir gás dentro de seis semanas, e eu a trabalhar na Northeast ou nos Mandados da Central em menos de três anos.

Deixou-me mesmo irritado.

— Não. És demasiado jovem, ainda não chegaste a sargento, vives amigado com uma mulher, perdeste os amigos das altas patentes quando não quiseste combater os fumadores de *marijuana* e não fizeste um giro sequer à paisana. Tu...

Calei-me quando Blanchard sorriu, depois foi até à janela da sala de estar e espreitou.

— Incêndios na Michigan com a Soto. Bonito.

— Bonito?

— Sim, bonito. Sabes imenso a meu respeito, Bleichert.

— As pessoas falam de ti.

— Também falam de ti.

— E o que dizem?

— Que o teu velho tem uma grande admiração pelos nazis. Que denunciaste o teu melhor amigo aos federais para entrares para o Departamento. Que criaste fama combatendo uma quantidade de pesos-médios comprados.

As palavras pairaram no ar como uma acusação tripla.

— Mais nada?

Blanchard virou-se para mim.

— Não. Dizem que nunca vais à procura de pegas e dizem também que te julgas capaz de me vencer.

Aceitei o desafio.

— Todas essas coisas são verdade.

— Ah sim? E afinal o que ouviste a meu respeito? Excepto que figuro na Lista dos Sargentos, vou ser transferido para os Costumes de Highland Park em Agosto e que há um subdelegado judeu do Ministério Público que adora pugilistas. Prometeu transferir-me para a próxima vaga que se der nos Mandados.

— Estou impressionado.

— Ah sim? Queres ouvir algo ainda mais impressionante?

— Surpreende-me.

— Os meus primeiros vinte *knockouts* foram parvalhões escolhidos a dedo pelo meu empresário. A minha namorada viu-te lutar no Olympic e disse que serias atraente se arranjasses os dentes, e talvez me *conseguiesses* vencer.

Não percebi muito bem se o homem estava à procura de uma briga ou de um amigo; se estava a testar-me ou a atormentar-me ou a querer sacar-me informações. Apontei para Tomás dos Santos, que se contorcia no seu sono ébrio. — E então o Mex?

— Prendêmo-lo amanhã de manhã.

— Prende-o tu.

— Também participaste na captura.

— Obrigado, mas dispenso.

— Como queiras, parceiro.

— Não sou teu parceiro.

— Mas podes vir a ser.

— Ou talvez nunca, Blanchard. Talvez trabalhes nos Mandados e procedas à recuperação de mercadorias e faças a papa aos advogados aldrabões da cidade, talvez eu alcance os meus vinte, receba a pensão e arranje um emprego leve algures.

— Podias ir para os federais. Sei que tens amigos na Brigada de Estrangeiros.

— Não me estejas a provocar.

Blanchard voltou a olhar pela janela.

— Bonito. Dava um belo postal. «Querida Mãe, gostava que estivesse aqui no tumulto racial colorido de LA Leste.»

Tomás dos Santos agitou-se, murmurando:

— Inez? Inez? *Qué?* Inez?

Blanchard dirigiu-se a um armário no corredor, encontrou um sobretudo velho de lã e colocou-o por cima dele. O acréscimo de calor pareceu acalmá-lo; os balbucios cessaram. Blanchard disse:

— *Cherchez la femme*. Hein, Bucky?

— O quê?

— Procura a mulher. Mesmo enfrascado, o velho Tomás não deixa a Inez em paz. Aposto dez para um em como quando ele chegar à câmara de gás ela vai estar lá com ele.

— Talvez ele recorra da sentença. Quinze a perpétua, sai ao fim de vinte.

— Não. Ele é um homem morto. *Cherchez la femme*, Bucky. Lembra-te disso.

Percorri a casa à procura de um sítio onde dormir, instalando-me finalmente num quarto lá em baixo com uma cama aos altos e baixos

curta de mais para as minhas pernas. Estendendo-me, escutei as sirenes e os disparos ao longe. Embalei gradualmente no sono, e sonhei com as poucas mulheres espaçadas na minha vida.

De manhã, os tumultos tinham acalmado, deixando o céu cheio de fuligem e as ruas sujas de garrafas de bebidas partidas, varapaus e bastões de basebol abandonados. Blanchard ligou para a Esquadra de Hollenbeck a pedir um preto-e-branco para transportar o seu nono delito grave de 1943 até à prisão do Palácio da Justiça, e Tomás dos Santos chorou quando os polícias da patrulha o levaram de nós. Blanchard e eu apertámos as mãos no passeio e seguimos caminhos separados até à baixa, ele até ao gabinete da Procuradoria escrever o seu relatório sobre a captura do carteirista, eu até à Esquadra Central e outro turno de giro.

A câmara de LA proibira o uso de *zoot suits* e Blanchard e eu retomámos a conversa urbana por ocasião da chamada. E tudo o que ele referira com uma certeza tão exasperante naquela noite na casa vazia se concretizou.

Blanchard foi promovido a sargento e transferido para os Costumes de Highland Park em princípios de Agosto e Tomás dos Santos foi para a câmara de gás uma semana depois. Decorreram três anos e eu continuei a trabalhar num carro-patrulha na Divisão Central. Depois, uma manhã, consultei o quadro de transferências e promoções e vi no cimo da lista: Blanchard, Leland C., Sargento; Costumes de Highland Park para Mandados da Central, com efeito a partir de 15 de Setembro de 1946.

E, claro, tornámo-nos parceiros. Olhando para trás, sei que o homem não possuía nenhum dom da profecia; trabalhava simplesmente para assegurar o seu próprio futuro, enquanto eu deslizava vacilante em direcção ao meu. Só que o seu insípido «*Cherchez la femme*» continuava a atormentar-me. Porque a nossa parceria não passou de um caminho tortuoso até à Dália. E no fim, ela iria dominar-nos aos dois por completo.